

A IDEOLOGIA PAN-AFRICANISTA NA DIÁSPORA E SUAS IMPLICAÇÕES NA LEI 10.639/2003: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Galileu Gomes Indi¹
Eduardo Antônio Estevam Santos²

RESUMO

O presente trabalho tem como foco versar sobre as implicações do Pan-africanismo na Lei 10.639/2003. O que passa necessariamente pelo estudo mais aturado do Pan-africanismo entendido como principal elemento de representação da África na diáspora considerada sexta região do continente africano. O Pan-africanismo é um movimento amplo e como tal foi objeto de várias definições (tem as suas contradições internas). Uma vasta bibliografia/literatura matizada o prova. A nossa tentativa aqui é atualizar o conceito e concebe-lo como sentimento de (africanidade) pertença a África. Uma das maneiras de pensar a representação da África é através do Pan-africanismo. A crença no Pan-africanismo, o sentimento e a crença no pertencimento a África, a essa ideia de africanidade que nos move e comove. O Pan-africanismo tem muito a ver com a ideia da diáspora; inclusive nasceu na diáspora para depois chegar no continente. Partindo deste pressuposto busca-se responder à pergunta: porque é que a diáspora africana não parou de reinventar a África? De que forma (em que medida) a lei 10.639/2003 pode ser considerada uma extensão dos ideais do Pan-africanismo? Uma das características principais da diáspora é a produção cultural remetendo ao lugar de origem. Neste liame, fomos buscar nos clássicos do movimento (na África e na diáspora) as ideias basilares que estruturam o movimento para assim entender de que forma se dá a relação entre a diáspora e as Políticas de Igualdade Racial.

Palavras-chave: Pan-africanismo; Diáspora; Lei 10639\2003; Fronteira.

UNILAB, IHL - Malês, Discente, galileugomesindi@gmail.com¹

UNILAB, IHL - Malês, Docente, eduardoestevame@unilab.edu.br²



XI SEMANA
UNIVERSITÁRIA

**Diversidade,
Inclusão e
Transformação Social**

INTRODUÇÃO

Antes de mais, contextualizar que a escravidão e o colonialismo dispersaram africanos levando grande parte de sua população para todas as partes do mundo. A esta dispersão da nação negra chama-se a segunda diáspora. A segunda diáspora porque sucedeu a diáspora judaica, apesar das diferenças entre uma e outra que não vamos nos ocupar aqui. É importante ressaltar que estas duas diásporas, na nostalgia e no desejo de voltarem às suas terras das origens criaram ou tornaram a diáspora em um espaço de produção cultural remetendo a cultura de origem, mas que muitas das vezes esta criação acaba não ser exatamente a de terra de origem e nem a de terra do destino. Por isso, uma criação autêntica da diáspora.

Segundo REIS (2010), a diáspora africana chamada de segunda diáspora está dividida ao menos em três fases distintas: a primeira que se estende do século XVI até o século XVIII corresponde aos africanos que foram deslocados forçadamente para a escravização incluindo os seus descendentes no lugar de destino, a segunda fase séculos XIX e XX é predominada pelos processos de colonização e descolonização e de africanos que viajaram voluntariamente na busca de conhecimento ou melhores condições de vida - nesta fase podem incluir as lutas pela abolição, as lutas pela independência na África, e os movimentos cívicos na diáspora - e, por último, a terceira fase, dos viajantes reais ou virtuais. Entre essas divisões, eu me coloco na segunda categoria.

Mal que cheguei no Brasil em 2018 para os fins de estudo, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB) - uma universidade pública e internacional -, meu encantamento tornou-se em estranhamento ao ver a realidade da sociedade brasileira completamente diferente daquela que imaginava. Me refiro ao conhecimento prévio que tinha de um Brasil majoritariamente branco como é na grande maioria das vezes transmitido - pelas grandes mídias, impressas e - nas telenovelas; o que não corresponde à realidade concreta por dentro do país. O estranhamento vai aumentando paulatinamente na medida em que colegas brasileiros me confrontavam com perguntas intrigantes e difíceis de responder sobre a África. Eu me perguntava o porquê de tantas perguntas. Não imaginava que a ligação de África com as Américas que estudamos no comércio triangular transatlântico pode explicar a miscigenação da sociedade brasileira de maneira mais profunda.

METODOLOGIA

Para os objetivos deste trabalho combinamos a comparação com a metodologia de história entrelaçada e/ou história transnacional por entender que não são incompatíveis. Aliás, como veremos, combinar os dois traz ganhos de conhecimento. Assim sendo, utilizamos a comparação para ver de maneira mais localizada alguns fenômenos, suas diferenças e semelhanças na África e na diáspora ao invés de fazer generalizações apressadas e superficiais; por seu turno a metodologia de história transnacional nos servirá para compreender fenômenos mais complexos que abrangem múltiplas histórias interconectadas compreendendo as influências mútuas entre elas e as rotas de circulação das ideias e informações.

É importante frisar que não se trata de uso de método de história comparada pois isso irá requerer a sistematização de um conjunto de fatores selecionados para a comparação e o seguimento rigoroso de procedimento de comparação entre esses fenômenos. O que não é o objetivo deste trabalho. Entretanto, o uso que vamos fazer aqui apesar das aproximações não é propriamente história comparada, mas uma comparação parcial como forma de possibilitar a utilização de história transnacional. É uma condição de possibilidade da história transnacional.

Apesar das devidas fronteiras que podemos estabelecer entre esses, devemos aceitar sumamente que não



existe contradição em associar a comparação com o e método de história transnacional dentro do campo historiográfico pois mesmo a história comparada não é incompatível com a história transnacional. "As abordagens da História comparativa e da "história entrelaçada" são diferentes modos de reconstrução histórica. Há uma tensão entre elas, mas elas não são incompatíveis. Pode-se tentar analisar em termos comparativos e contar uma história, todavia. Não é necessário escolher entre *histoire comparée* e a *histoire croisée*. O objetivo é combiná-las." (KOCKA, 2014, p.284)

No segundo momento, de âmbito prático, se dedica a análise de livros didáticos do ensino médio tanto para medir a presença de conteúdos relacionados à história da África e afro-brasileira quanto para fazer uma comparativa em relação ao que se produziu sobre a temática. Neste momento buscou-se explicitar a relação entre os ideais do Pan-africanismo com a demanda da Lei 10.639/2003 como a apropriação dos volumes da História Geral da África - escritas de ponto de vista endógena - para construção dos livros didáticos que viabilizassem o ensino da história da África no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado verificou-se que a implementação da Lei 10.639/2003 representa uma quebra de ideologia dominante ao institucionalizar\instituir a obrigatoriedade de ensino da história de África e afro-brasileira. Por isso enfrenta constantes ataques. As discussões em torno do ensino da história de África e afro-brasileira que a Lei 10.639/2003 torna obrigatório, é um exemplo prático de fronteira ideológica bem demarcadas. A nível da fronteira interna é possível afirmar um circuito de circulação de informação que começou no continente com a demanda dos Estados recém-independentes da África para escrita da história de África e chegou no Brasil como política curricular de ensino da história da África e afro-brasileira. Mas por mais que tal ensino foi instituído por lei, existe uma ideologia dominante (P. BORDIEU) que deslegitima tal iniciativa sob o argumento de não ser história que deve ser ensinada nas escolas. Assim finalizo, que a saída para dificuldades não ultrapassadas da efetivação da Lei 10.639/03 na prática não se encontra em outro nível senão ideológico. A história transnacional investe numa contra-narrativa da nação que permite compreender a teia complexa de relações que transpassam fronteiras nacionais em que, o Movimento Negro desempenhou um papel fundamental.

CONCLUSÕES

Concluiu-se que apesar de avanços significativos, os livros didáticos e o sistema de ensino deixam ainda muito a desejar em relação ao estipulado pela Lei 10.639/2003. É importante o percurso que fazemos porque nos auxilia a interpretar o Movimento Negro como uma vertente do Pan-africanismo, esse sentimento de pertença e de recriação da África. Ademais, porque nos ajuda a entender que o Pan-africanismo não é um movimento todo homogêneo, mas multifacetado e com diferentes formas de manifestação.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à UNILAB pela oportunidade de ingressar no Ensino Superior em uma universidade internacional e negra, que me proporcionou uma formação de qualidade. Agradeço de coração o meu orientador professor doutor Eduardo Antônio Estevam que soube ser um colega e um bom amigo durante esta caminhada até aqui, agradeço imensamente pela orientação e pelo aconselhamento acadêmico.

Agradeço a Comissão Organizadora da XII Semana Universitária da UNILAB pela oportunidade que me concedeu de apresentar os resultados da minha pesquisa e, como não poderia deixar de ser agradeço a comissão avaliadora pelas considerações que farão ao meu trabalho que com certeza serão profícuas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Eugénio Costa. La unión africana: ¿qué Panafricanismo y qué fronteras tendrá África a finales del siglo?. Rev. chil. relac. Int, vol I (2): 176-189. 2017. ALVARADO, Guillermo Antonio Navarro. África deve-se unir? a formação da teórica da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negrístas e pan-africanos (séculos xviii-xx). UFBA, Salvador. 2018 APPIAH, Antony Kwame. Na casa do meu pai. Contraponto. 1997. BARTH, Fredrik; STREIFF-FENART Philippe Poutignat Jocelyne. Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Editora: Jorge ZAHAR. Rio de Janeiro. 2005
- BETTS, Raymond F. A dominação europeia: métodos e instituições. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. - 2.ed. rev. - Brasília : UNESCO, 2010.
- BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. A longa duração. Revista de História. Vol. XXX. Ano. XVI. N.62. Abril - junho 1965
- BRITO, Lucianna Sousa Furtado; CORRÊA, Laura Guimarães. As identidades negras da Mdiáspora e a descolonização da representação. E-campós, Brasília, V.21, n.3, set-dez, 2018 CARNEIRO, Henrique. Amílcar Cabral: textos políticos. CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos (Orgs). Intelectuais das Áfricas. 2 Edição. Campinas, São Paulo. Pontes Editores. 2019. 431 p. CONRAD, Joseph. O coração das trevas. Editora Estampa. BIBLIOTEX. 2000 COOPER, Frederick. Conexões e conflitos: repensando a História Colonial da África. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 21-73, jul. 2008 COSTA, Luiz Mário Ferreira. O estado da arte da história transnacional: o discurso "corporativista-mítico" como campo de reflexões transnacionais. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 24, n. 1, p. 173-194, 2018 DECRAENE, Fillippe. O Pan-africanismo. Difusão Européia do Livro. São Paulo. ANO DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia?. São Paulo: Editora 34. 1991. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. O pensamento africano Subsaariano: conexões e paralelos com o pensamento Latino-Americano e o Asiático (um esquema). Rio de Janeiro: CLACSO; EDUCAM. 2008. 228 p.
- DIOP, Cheick Anta. A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Tradução: Sílvia Cunha Neto. Rêler África. 2014 DIOP, Cheick Anta. Origem dos Antigos Egípcios. In: MOKHTAR, Gamal. África Antiga. História geral de África II. 2 ed. rev. Brasília. UNESCO 2010 Documentário: "No tempo em que ser guineense não era suficiente para ser cidadão" link: (1251) No tempo em que ser guineense não era suficiente para ser cidadão - YouTube Acessado em: 23.09.2023 DURÃO, Gustavo de Andrade. Intelectuais africanos e pan-africanismo: uma narrativa póscolonial [1] Revista Tempo e Argumento, vol. 10, núm. 25, 2018, Septiembre-Diciembre, pp. 212-242 Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis, Brasil FANON, Frantz. Os condenados da terra. Tradução: Lúcia Fonseca Ferreira; Regina Salgado Campos. Zahar. FERREIRA, José Carlos Ney; VEIGA, Vasco Soares da. Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique. 2 Ed. Lisboa. 1957 FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Amílcar Cabral. Construção da nação e modernização da cultura. (p.397-436). In: CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos (Orgs). Intelectuais das Áfricas. 2 Edição. Campinas, São Paulo. Pontes Editores. 2019. 431 p. FRYE, Marilyn.

- Opressão. In: Políticas da realidade: ensaios em teoria feminista. Tradução: Carla Henrique Gomes. Ed. Oitava feminista. GILROY, Paul. O Atlântico Negro. São Paulo: Editora 34, 2001. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Organização: Liv Sovík. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, et al. Belo Horizonte. Editora: UFMG: Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. 2003. HENRIQUES, Joana Gorjão. Racismo no país dos brancos costumes. Ed. Tinta-da-China. Lisboa.
- HERNANDES, Leila Maria Gonçalves Leite. A África na sala de aula: visita a história contemporânea. 4. ed. São Paulo. Selo Negro. 2008.
- KI-ZERBO, Joseph; HABA Boubou. O lugar da história na sociedade africana. In: KI-ZERBO, Joseph. Metodologia e Pré-história da África. História geral de África I. 2 ed. rev. Brasília. UNESCO 2010 KOCKA, Jürgen. Para além da História comparada. Revista Esboços, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago. 2014.
- KODJO, Edem; CHANAIWA David. Pan-africanismo e libertação. In: História geral da África, VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília : UNESCO, 2010. MACEDO, José Rivair (org). O pensamento africano no século XX. 1 Edição. São Paulo. Outras expressões. 2016
- MACEDO, José Rivair. Achille Mbembe: imaginação, poder e cosmopolitismo a partir da África. (p.37-69). In: CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos (Orgs). Intelectuais das Áfricas. 2 Edição. Campinas, São Paulo. Pontes Editores. 2019. 431 p. MARTINS, Rui Cunha. O Método da Fronteira: Radiografia Histórica de um Dispositivo Contemporâneo (Matrizes Ibéricas e Americanas). Almeida. Lisboa. 2008.
- MBEMBE, Achille. África insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade póscolonial. Pedagogo, Luanda: Mulemba, 2013. (Coleção Reler África).
- MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014.
- MBEMBE, Achille. Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada. Pedagogo, Luanda: Mulemba, 2014. (Coleção Reler África).
- MENESES. Maria Paula G. O 'índigena' africano e o colono 'europeu': a construção da diferença por processos legais. e-cadernos ces. 2010.
- OYEWUMI. Oyeronke. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson flor do Nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- PAIM, Márcio. Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro Na Casa De Meu Pai. Sankofa. VII, NoXIII, Julho/2014 PEREIRA, Rui M., «Raça, Sangue e Robustez. Os paradigmas da Antropologia Física colonial portuguesa», Cadernos de Estudos Africanos, 7/8 | 2005, 209-241. PRADO, Maria Ligia Coelho. América Latina: História Comparada, História Conectada e História Transnacional. Anuário N° 24 Escuela de Historia Revista Digital N° 3 Facultad de Humanidades y Artes. UNR, 2011 - 2012
- PURDY, Sean. História comparada e o desafio da história transnacional. Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, 6-1: 64-84, 2012
- REIS, Marilise. Diáspora como movimento social: implicações para a análise dos movimentos sociais de combate ao racismo. Unisinos. 2010 RIBEIRO. Fábila Barbosa. Educação e ensino de História em contextos coloniais e póscoloniais. Caicó, v. 16, n. 36, p. 27-53, jan./jul. 2015. Dossiê Ensino de História. SANTOS, Donizeth Aparecido. Pan-africanismo e movimentos culturais negros. ANALECTA Guarapuava, Paraná v.8 n° 1 p.67-77 jan./jun. 2007 SEIDI, Mamadu. Movimento pan-africano e visões pan-africanistas de Amílcar Lopes Cabral. UNILAB, Bahia. 2016 YOUNG, Iris Marion. Cinco faces da opressão. Tradução: Marina Cortez. RDP, Brasília, Volume 18, n. 97, 487-515, jan./mar. 2021 ZIENTARA, Benedykt. Fronteira. Enciclopédia

Einaudi: Estado e Guerra. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da moeda. 1989.